

**A Galeria do Mundo: Pieter van der Aa e a imagem da América na cultura
neerlandesa (1624/1729)**

Heloisa Meireles Gesteira *

Abstract

In the beginning of the 17th century, Pieter van der Aa, a printer and a book seller at Leiden, in the Dutch Republic, organized a catalogue of his collection and published it in 1729 under the title “Galerie Agreeable du Monde”. This article concerns over the representations of America, particularly Brazil, in the History and Geography under the taught of Pieter van der Aa.

Key words: collections, descriptions, colonialism.

No início do século XVIII Pieter van der Aa, impressor e comerciante de gravuras e livros na cidade de Leiden, organizou um catálogo de seu acervo e o publicou no ano de 1729, oferecendo a um público restrito, pois só imprimiu 100 cópias, uma bela coleção de mapas e gravuras sob o título “Galerie Agreeable du Monde”. Um desses exemplares encontra-se hoje na Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O objetivo desta pesquisa é, partindo de uma análise minuciosa da “Galerie”, reconstituir a imagem da América, em particular do Brasil, na cultura neerlandesa durante o século XVII.

A produção cultural da República não pode ser avaliada sem observarmos o seu vínculo com a expansão ultramarina. Amsterdam como centro da “economia-mundo” controlava, entre outras coisas, um manancial de informações que chegavam junto com os navios que ali aportavam. Mapas, roteiros de viagem, relatórios e descrições das terras distantes asseguravam para os homens de negócios o conhecimento dessas notícias. Quando os negociantes mantinham relações próximas com as Companhias de Comércio, multiplicavam-se os dados aos quais tinham acesso. O *Atlas Mayor*, de Wilhem Blaeu, por exemplo, foi composto a partir da reunião de mapas que os Blaeu tinham feito a pedido das Companhias das Índias Orientais e Ocidentais, além de cartas manuscritas e outras informações coletadas pelos editores junto aos arquivos das Companhias. A literatura de viagens, gênero de sucesso naquele período, também foi incrementada pelos relatos dos viajantes, como o livro do soldado que serviu as Companhias neerlandesas durante o século

* Pesquisadora Adjunta da Coordenação História da Ciência MAST/MCT

XVII Johan Nieuwhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, trazido a público pela casa de Jacob Meurs em 1682.

A primeira metade do século XVII é considerada a época de ouro da cultura neerlandesa. Nesse período, Amsterdam era o pólo das atividades mercantis e artísticas, lugar que ocupará até início do século XVIII. Já a cidade de Leiden com sua universidade, constituía um dos centros importantes da produção intelectual no âmbito da República das Províncias Unidas. Entre as principais casas editoriais neerlandesas de então, a firma Elzevier destacava-se. Pertencia à família do mesmo nome e era uma tipografia de grande importância, situada em Leiden, a empresa ficou famosa na Europa por trazer para a República, textos, manuscritos e impressos de outros países e editá-los e colocá-los a disposição do público, dentro e fora da República. O mercado de livros laicos atraía um número crescente de leitores e o ambiente de tolerância na República possibilitava que os editores viajassem pela Europa em busca de textos proibidos entre os católicos.

Após a independência da República em 1575, comerciantes e homens de negócios formavam o grupo hegemônico no quadro de forças políticas dos Países Baixos. A própria escolha do modelo republicano garantiu-lhes efetiva participação nos cargos públicos, o que era natural numa cidade como Amsterdam, transformada desde fins do século XVI no empório mais importante da Europa, mais fortalecida depois que os Espanhóis ocuparam Antuérpia. O envolvimento na produção cultural era uma forma de afirmação de prestígio e poder social, assim, muitas vezes esses homens financiavam iniciativas desse gênero, como no caso dos retratos dos regentes de Amsterdam, encomendados a Rembrandt. Em outras oportunidades, eles executavam os produtos culturais, como, por exemplo, a tipografia dos Blaeu, família que fez fortuna gravando mapas e cartas náuticas, que eram ao mesmo tempo obras de arte e artigos de luxo disponíveis para consumidores seletos. Essa casa foi responsável pela edição, em 1662, do *Atlas Mayor*, iniciativa da tipografia dos Blaeu em 9 ou 12 volumes, dependendo da edição. O Atlas reúne 600 mapas e à época foram confeccionadas algo em torno de 300 cópias.

As informações recolhidas nas viagens além de enriquecerem a literatura do gênero também poderiam ser encontradas nos inúmeros panfletos cujos exemplares eram distribuídos nas principais cidades neerlandesas e constituindo um instrumento de divulgação de opiniões políticas as mais variadas. Na maior parte das vezes, estes textos eram escritos por homens públicos ou acadêmicos que viam neles uma maneira de expressar publicamente seu posicionamento diante dos acontecimentos e também um modo de divulgar seus próprios projetos. A leitura de alguns desses textos permite identificar características da expansão

ultramarina da República dos Países Baixos Unidos e a importância da criação de um entreposto batavo na América, em particular na região dominada pelos portugueses, naquele momento submetidos à coroa de Espanha. Aliás, para José Antonio Gonsalves de Mello,

quem estuda o período da dominação holandesa no Norte do Brasil, não pode prescindir das informações contidas nos panfletos. Ao nosso ver, quem estuda esse período e não quiser se cingir simplesmente à enumeração dos feitos guerreiros, os panfletos são indispensáveis. (Mello, 1998, p. 13)”

Panfletos e livros freqüentemente eram enriquecidos com gravuras. Entretanto, queremos crer que essas imagens não eram meras ilustrações, mas, junto com o texto, serviam para informar o leitor sobre o objeto descrito, seja uma batalha, sejam cenas da vida social. Retratando a região de Pernambuco, o mapa publicado no panfleto anônimo cujo título é *Reys boeck van het rijk Brasilien, Rio de la Plata ende Magalhaes*, com data de 1624, nos fornece um belo exemplo.¹ Os livros de História Natural de Guilherme Piso e Jorge Marcgrave também atestam a importância das gravuras como meio de comunicação, texto e imagens juntos garantiam uma descrição minuciosa e a mais fiel possível de cada espécie americana registrada. Se somarmos a esta produção os trabalhos dos pintores que acompanharam o Conde João Mauricio de Nassau-Siegen ao Brasil, Frans Post e Albert Eckhout, e os desenhos atribuídos a Zacharias Wagener, não é difícil reconhecermos a importância da iconografia neerlandesa no que se refere à formação de um “Retrato do Brasil”, em particular da região ocupada, durante o século XVII.

As gravuras além de enriquecerem os livros, circulavam avulsas e podiam ser adquiridas no mercado. O catálogo organizado pelo impressor e livreiro Pieter van der Aa, sob o sugestivo título “La Galerie Agreeable du Monde”, transforma-se num objeto interessante uma vez que reúne uma coleção de gravuras adquiridas por ele ao longo de sua vida. Nesta obra o colecionador agrupou material de autores diversos e, provavelmente, de épocas diferentes. As gravuras de fato eram vendidas avulsas e a partir do século XVI adquiriram um potencial de circulação muito grande, como obra de arte ou, muito provavelmente, como propaganda política ou religiosa.

Natural de Leiden, Pieter van der Aa (1659/1733) aos nove anos ingressou no ramo de venda de livros como aprendiz. Passada uma década, van der Aa abriu seu próprio negócio, paulatinamente se transformou num editor e vendedor de livros na cidade de Leiden,

¹ *Diário de viagem e descrição das riquezas do Brasil, Rio da Prata e Magalhães, onde se registra a situação de países e cidades*, Canin, 1624. BNRJ, Divisão de Obras Raras. As informações contidas nesta publicação eram, em sua maioria, relativas às condições de navegação e aos aspectos econômicos de cada região. Os mapas acompanhavam os textos e traziam registro das principais cidades, portos e fortificações, essas cartas eram ricamente ilustradas com cenas da vida e costumes locais.

apresentando-se como “impressor da Universidade”. Durante sua vida colecionou e editou uma grande quantidade de mapas e gravuras feitos por outros impressores neerlandeses do século XVII, como os Blaeu, Visscher, Meurs e de Wit. Nunca foi ele próprio um artista, os mapas e gravuras que trazem sua marca, são cópias feitas a partir de placas recolhidas ao longo de sua vida entre impressores e antiquários. Nas primeiras décadas do século XVIII, entre 1708/1729, van der Aa dedicou-se a organizar a “Galerie agreable du monde”, composta por 66 volumes reunidos em XI tomos. Contendo quase três mil pranchas de mapas, o livro reúne uma coleção iconográfica sobre cidades, costumes e a natureza de todo os continentes. Segundo o colecionador, em sua Galeria podem ser vistos:

um grande número de mapas, os principais impérios, reinos, repúblicas, províncias, cidades, vilas e fortificações, com sua localização e o que tem de mais memorável. As ilhas, costas, rios, portos do mar e outros lugares considerados pela antiga e pela nova geografia; antiguidades, abadias, igrejas, academias, colégios, bibliotecas, palácios e outros edifícios, tanto públicos como particulares como também as casas de campo, as habilidades e hábitos dos povos, sua religião, seus jogos, suas festas, cerimônias, suas pompas, seus animais, árvores, plantas, flores, alguns templos e ídolos de e outras raridades dignas de seres vistas (...) nas quatro partes do Universo dividido em 66 tomos. (Van der Aa, 1729)

O colecionador oferece sua “galeria” aos amantes da História e da Geografia, o que ele deseja é organizar um livro no qual o leitor pudesse experimentar a sensação de viajar pelo mundo. Na obra, os continentes aparecem segundo a organização dos principais Atlas do século XVII: Europa, Ásia, África e o Novo Mundo, o que remete para sua familiaridade com o gênero. Como outros editores, Van der Aa estava atualizado com a produção intelectual de sua época como exigia o seu ofício, mesmo não sendo ele próprio um erudito. Antes das gravuras, grande parte com legenda, Pieter van der Aa dedicou-se à tarefa de descrever cada país, ou seja, inseri-lo dentro da História do mundo que estava narrando, cabe apenas mencionar que o último volume foi dedicado exclusivamente ao Brasil.

O estudo da “Galerie Agreable du Monde” está em fase inicial e faz parte de um projeto de pesquisa que estou iniciando no MAST, sob o título “Descrições da América”. O nosso interesse particular nesta obra relaciona-se sobretudo dela pretender atrair os amantes da Geografia e da História, construindo uma narrativa do mundo através de imagens e de textos, que juntos contribuíram para edificar e divulgar uma imagem do continente americano bem como sua inserção na cultura européia. O objetivo central dessa pesquisa será identificar o lugar ocupado não só pela América mas sobretudo pelo Brasil numa perspectiva da História e da Geografia tal qual percebidas por Pieter van der Aa.

Para abordar a obra de Pieter van der Aa recorreremos aos estudos que valorizam o caráter “descritivo” presente nos relatos produzidos pelos neerlandeses. Muitos relatos e

produtos de viagem, que foram escritos pelos homens envolvidos com a expansão ultramarina da República, trazem como parte do título a palavra “descrição” ou “descrever”.² Os itinerários, as condições de navegação e os lugares tocados pelos marinheiros - mercadores ou soldados – aparecem em textos que descrevem minuciosamente as rotas marítimas, as costas navegadas, identificando cidades e fortificações, incorporando aos relatos, inclusive, os produtos que poderiam ser comercializados. Aos textos são acrescentados mapas e desenhos que, junto com a palavra escrita, compõem as descrições.

As descrições geográficas ganharam um destaque relevante nas crônicas e narrativas sobre o Novo Mundo. Segundo Horacio Saez, este fenômeno articulava-se ao impulso que os argumentos ambientalistas, cujas raízes remontam à antiguidade, receberam durante a Idade Média e o Renascimento, intensificando-se ainda mais a partir do contato dos europeus com a natureza americana. Essa tradição, presente nas teorias médicas, filosóficas e políticas desde a antiguidade, tendia a relacionar as condições naturais ao temperamento, caráter e inteligência dos homens, hierarquizando, desta forma, toda a humanidade. Um outro aspecto importante a ser observado diz respeito à própria forma descritiva. O significado de descrever para os neerlandeses foi observado por Patricia Seed em seu livro sobre as cerimônias de posse que garantiram a conquista do Novo Mundo pelos europeus. Segundo a autora, a produção de descrições e mapas sobre os lugares garantia para a República das Províncias Unidas, numa perspectiva cultural, a posse de um determinado território.

Admitindo que a descrição, muitas vezes, garantia a posse e, até mesmo, a conquista de uma região, mesmo que num plano discursivo, gostaríamos de ir um pouco mais além. A produção de conhecimento implementada pelos neerlandeses sobre suas conquistas, produção que ultrapassava o simples traçado das rotas e das fronteiras territoriais, como demonstram os livros de viagens, inclusive aqueles que se dedicam à História Natural. Na verdade, cabe indagar se as descrições minuciosas acerca dos lugares efetivamente abriram espaço para que os homens, em particular os neerlandeses, cada vez mais exercessem um domínio sobre os territórios conquistados. Isso conduz à seguinte questão: o que a forma descritiva representava para a cultura neerlandesa durante o século XVII?

A descrição pode ser verificada na pintura neerlandesa em sua época de ouro. Svetlana Alpers demonstra como essa maneira de pintar estava ligada a uma concepção de mundo que excedia o campo específico da arte, integrando todo um sistema cultural. Trabalhando com textos de Constatijn Huygens, a historiadora da arte concluiu que a

² *beschrijving* em holandês pode significar o verbo ou o substantivo, dependendo do uso. *Van Dale: andwoordenboek Hedendaags Nederlands*. Utrecht/Antuérpia: Van Dale, 1988.

descrição presente nas pinturas liga-se a uma cultura onde o olhar surge como um dos sentidos que permite ao homem apreender os fenômenos naturais e sociais: “o olho é o meio pelo qual Huygens reporta o novo conhecimento do mundo”. (Alpers, 1999, p. 70)

O privilégio do olhar mostra a relação intrínseca entre a arte e a ciência neerlandesas. A representação descritiva, seja através de textos ou de imagens, de alguma forma permite o transplante de tudo que a visão alcança para uma superfície plana, o papel. Poderíamos nos perguntar até que ponto representar o mundo através de texto e imagem propiciava, entre os neerlandeses, a sensação de experimentar a própria hegemonia européia iniciada com as grandes navegações, desta forma é significativo que a história narrada na “Galerie” tenha como ponto de partida Portugal.

O ofício de Pieter van der Aa fez dele também um colecionador de mapas, roteiros e descrições das viagens realizadas pelos europeus desde o século XVI. Entre 1706 e 1708 ele tinha publicado vários roteiros organizados sob o título “Naaukeurig versameling der gedenkwaardigste zee end land reysen”. Esse material muito provavelmente serviu de base para a composição de seu catálogo. Além de gravuras isoladas, van der Aa utilizou os vários roteiros para elaborar sua narrativa geográfica e histórica do mundo. Porém, só uma análise mais precisa nos permitirá identificar os critérios utilizados pelo autor para ordenar sua narrativa.

O hábito de colecionar faz parte da tradição cultural dos homens desde períodos mais remotos e varia conforme a época e o lugar. A organização de coleções se intensificou na Europa durante o Renascimento. A redescoberta da cultura greco-romana, além de aumentar o interesse dos humanistas pela Antigüidade Clássica, fez com que estes homens se dedicassem à busca de fragmentos - textos e objetos - que pudessem “trazer de volta” os valores do mundo antigo. Em pouco tempo, a paixão pela formação de coleções foi se alastrando, e outros agentes sociais, como os sábios e os nobres, começaram a valorizar a prática de coletar objetos aparentemente sem importância que, ao serem introduzidos nas coleções, ganhavam valor simbólico. A definição do que eram os objetos dignos de serem coletados também sofreu uma ampliação: obras de arte, objetos da natureza, artefatos, utensílios, instrumentos científicos, entre os mais significativos, passaram a ter lugar ao lado dos “fragmentos” da antigüidade.

O ato de organizar uma coleção significa retirar um objeto de seu *habitat* e transferi-lo para outro, onde ele assume um significado simbólico muitas vezes distinto do original. Segundo definição de Krzysztof Pomian, os objetos de uma coleção estão fora de seu circuito, perdem o seu valor de uso, são protegidos na medida em que são colocados num

recinto específico para serem vistos pelos homens e têm a sua função alterada, pois assumem o poder de ligar o espectador ao lugar original do objeto, seja este distante no tempo ou no espaço. Objetos e informações vindos de terras longínquas, assumem, nas coleções européias, o poder de transportar os espectadores para os países considerados “exóticos”. Ainda durante o Renascimento, alguns homens de negócios que estavam conquistando cada vez mais espaço na sociedade, também passaram interessar-se por colecionar objetos que, quando exibidos, transformavam-se num sinal de afirmação do *status* recém-adquirido por eles.

A “Galerie Agreeable du Monde”, como resultado de um trabalho de coleta e ordenação das gravuras acompanhadas de textos, pode ser analisada como um “espaço” que reúne, exhibe e divulga uma História e uma Geografia do mundo conforme a ótica de seu organizador, o impressor Pieter van der Aa.

Referências Bibliográficas.

- ALPERS, Svetlana Alpers. *A arte de descrever*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- ARRIGHI, Giovanni. *O Longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*, Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo: séculos XV ao XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, vol. 3, “O Tempo do Mundo”.
- BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdam - Um Estudo das Elites no Século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CAPEL, Horacio Capel Saez. “Ambientalismo e História. O Padre Las Casas como Geógrafo.” in *O Nascimento da Ciência Moderna e a América*. Maringá: UEM, 1999
- EISENSTEIN, Elizabeth. *A Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- ISRAEL, Jonathan. *The Dutch Republic, its rise, greatness and fall 1477/1806*. Oxford: University Press, 1998
- MELLO, J. A .G. *Tempo de Jornal*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1998.
- POMIAN, Krzysztof. *Collectionneurs, amateurs e curieux: Paris, Venise - XVIe XVIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1987.
- SEED, Patrícia. *Cerimônias de Posse na Conquista do Novo Mundo (1492/1640)*. São Paulo: UNESP, 1999.